

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC

Dayane Maria Mesquita Farias ¹

Atiane Leles Magalhães ²

Tânia Serra Azul Machado Bezerra ³

RESUMO

Este escrito constitui resultado de nossas observações seguidas de investigações e questionamentos, tendo como referência teórica a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, as práticas pedagógicas desempenhadas pela professora em sala de aula e nossas vivências e experiências como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, em uma escola da rede municipal de ensino, situada no bairro Jangurussu, na cidade de Fortaleza, Ceará. A pesquisa teve como objetivo comparar o cotidiano de uma sala de Educação Infantil com as determinações que a BNCC assegura para oportunizar experiências significativas para a aprendizagem e desenvolvimento da criança como sujeito autônomo e ativo na sociedade.

INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem o intuito de apresentar uma correlação entre o cotidiano de uma sala de aula de Educação Infantil, mais especificamente de uma turma de Infantil V de uma Escola Municipal da cidade de Fortaleza situada no bairro periférico Jangurussu, na qual somos bolsistas do curso de Pedagogia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE) com o que consta no documento normativo que define o conjunto de Aprendizagens Essenciais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com foco em seu terceiro ponto que refere-se à “Etapa da Educação Infantil”.

Sendo a BNCC um documento pensado para organizar as normas para a aplicação das Aprendizagens Essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo de seu processo de escolarização ao passar pelas etapas da Educação Básica determinadas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, as instituições de ensino devem compor seu currículo baseando-se no que consta em seus escritos de forma que contemple os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de seus discentes. Posteriormente a implementação da Educação Infantil (EI) à Educação Básica, a EI conquistou um grande valor e tornou-se uma etapa imprescindível no processo de escolarização.

Após um período de observações na sala em que atuamos somado com leituras sobre a BNCC em disciplinas ao longo da graduação, passamos a analisar por um prisma específico a atuação da professora regente quanto ao planejamento de aula, fazendo uma relação direta com

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista/PIBID/CAPES, dayiyane.farias@aluno.uece.com.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista/PIBID/CAPES, atiane.leles@aluno.uece.com.br;

³ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, Pós-doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Coordenadora de Área do PIBID/CED/UECE/CAPES, tanciasamb@hotmail.com.

o documento, utilizando prioritariamente os pontos que abordam os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, os Campos de Experiências e os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Como consta no documento

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BRASIL, 2015, p. 15).

É importante apresentar os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil elaborados: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.” (BRASIL, 2015, p. 40). Diretamente relacionados aos direitos, estão os campos de experiências, pelos quais as crianças terão a oportunidade de aprender e potencializar seu desenvolvimento de forma integral, estas experiências contemplam vivências relacionadas ao: “[...] eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.” (BRASIL, 2015, p. 25). Existem também os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que estão inseridos no eixo dos campos de experiências. Vale ressaltar que tais objetivos estão estruturados em três grupos de acordo com as faixas etárias, contudo, esta classificação deve respeitar o ritmo de aprendizagem e desenvolvimento de cada criança. No caso da nossa observação, iremos trabalhar junto a crianças de faixa etária correspondente a pré-escola (4 anos a 5 anos e 11 meses), estas estão definidas no documento como “crianças pequenas”.

[...] reconhecer que as crianças são diferentes e tem especificidades, não só por pertencerem às classes diversas ou por estarem em momentos diversos em termos de desenvolvimento psicológico. Também os hábitos, costumes e valores presentes na sua família e na localidade mais próxima interferem na sua percepção do mundo e na sua inserção. (KRAMER, 2003, p. 22).

Ao sentir a necessidade de investigar como se aplicam na prática pedagógica os princípios normativos que compõem a BNCC, aprofundamos o olhar sobre determinadas atividades realizadas em sala, selecionadas especificamente devido à diversidade de experiências que elas proporcionaram aos alunos, bem como, a nós bolsistas de iniciação à docência. Desta forma, vale pensar quais os desafios que surgem para inviabilizar a atuação do educador ao executar suas práticas em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Para ilustrar acerca do desenvolvimento da relação professor-aluno e conteúdos sendo um dos principais elementos da construção do ensino-aprendizagem, este relato foi fundamentado sobretudo na Base Nacional Comum Curricular (2015), bem como em alguns conceitos discutidos por Vygotsky (1998) e Libâneo (2011). Considerando as práticas pedagógicas elaboradas e efetivadas pela educadora como fundamentais para o processo de aquisição de conhecimentos na infância, refletimos sobre a atuação da pedagoga regente de uma sala de Infantil V, através do contato possibilitado pelo PIBID. Desta forma, buscamos valorizar uma educação democrática que incentive as experiências de vida e a autonomia do aluno.

Segundo Libâneo (2011, p. 88) o educador garante, por meio de seu trabalho, uma aula produtiva ao conduzir a relação entre o aluno e a matéria de estudo de forma exitosa. Logo, o *ensino satisfatório* se determina quando o educador põe em prática e coordena as formas que propiciam o progresso da aquisição de conhecimento por parte do aluno. Sendo assim, ponderamos a respeito do impacto que o docente tem para o desenvolvimento do discente, visando uma práxis pedagógica que compreenda as especificidades da criança enquanto ser pensante, autônomo e protagonista do seu processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que a aprendizagem da criança ocorre bem antes da escolarização. Vygotsky (1998) nomeia os conhecimentos anteriores à entrada na escola como “história prévia”, estes partem da interação da criança com o meio físico e social em que está inserida. Por isso, é necessária a elaboração de atividades que relacionem os saberes que os educandos trazem em sua bagagem de vida com os conteúdos escolares definidos pela BNCC. Como alega Lev Semyonovich Vygotsky “[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros.” (VYGOTSKY, 1998, p.60, 61).

METODOLOGIA

Este trabalho constitui relato de experiência e é de caráter qualitativo, associado a um estudo bibliográfico, tendo como base a BNCC e se deu a partir de observações realizadas durante as aulas em nossa sala de atuação, Infantil V de uma escola periférica, em que tomamos nota por meio do diário de bordo no qual os bolsistas são indicados a construir para registrar as experiências de sala de aula. Dentre as diversas atividades catalogadas, escolhemos duas delas para esmiuçar e avaliar: a contação da história “Os Três Porquinhos” por meio de uma encenação realizada pelos próprios alunos e uma atividade do livro didático, “Entrelinhas”, que pedia o uso de um espelho para percepção de expressões faciais. A partir destes registros, nos foi possível analisar e relacionar os planos de aula de acordo com os dados determinados pela BNCC para favorecer uma aprendizagem plena por parte das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira atividade a ser analisada aborda a contação de história, que carrega consigo experiências concretas possibilitadas pelo uso de campos de experiências. A atividade em questão deu-se como uma rememoração da história “Os Três Porquinhos” contada dias antes pela professora. Esta ação ocorreu com a participação dos alunos, sendo, então, os responsáveis por desenvolver a contação. De forma interativa, em molde teatral, fazendo uso de imagens das personagens e elementos da história fixados em palitos para facilitar a exposição para o restante da turma. A participação foi de forma espontânea, a professora perguntou quem gostaria de participar e explicou que seriam necessárias sete crianças: três delas representando os porquinhos, outras três como as casas, e a última no papel do lobo. Aquelas que se voluntariaram escolheram entre si o que cada um faria, em seguida se posicionaram à frente da sala de forma estratégica para dar início a contação.

Como afirmam Brandão e Rosa (2018, p. 38) ao lembrar o que Rogoff (1995) discute sobre o papel das atividades sociocomunicativas “[...]é através da inserção em práticas sociais que as crianças ganham autonomia na realização de atividades, mas desde o início elas já são ativas nesse processo e influenciam, também, na formatação e desenvolvimento da ação.”

Diante disso, podemos detectar quais campos de experiências foram escolhidos para nortear a referida atividade de acordo com os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da

etapa da Educação Infantil, as interações e a brincadeira. O primeiro campo identificado, “O eu, o outro e o nós” (BRASIL, 2015, p. 40), visa promover oportunidades em que as crianças possam fomentar o modo como percebem a si mesmas e ao outro, da mesma maneira que devem respeitar as especificidades de cada indivíduo levando em conta seu ritmo de apreensão. Logo, percebemos que houve interação entre os discentes e que a atividade permitiu que trabalhassem a sua autonomia, pois, no momento de representação de cada personagem, eles mesmos criaram suas falas exercitando, assim, criatividade, memória, interpretação textual, imaginação, o que nos remete ao campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação” (BRASIL, 2015, p. 40). Este campo indica que a escola deve proporcionar ao aluno momentos de participação na cultura oral, em que possam falar e ouvir, elaborando suas próprias narrativas de forma individual ou coletiva, fazendo-as entender que são sujeitos ativos e parte de um grupo social.

Para constatar se os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento foram contemplados, primeiramente consultamos o documento da BNCC para, assim, identificá-los, sendo eles: “[...] ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação; recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.” (BRASIL, 2015, p. 49). Com isso, parece certo dizer que a primeira atividade aqui relatada está de acordo com aquilo que é posto na BNCC. Contudo, observou-se que as crianças apresentaram dificuldades para formular e reproduzir as falas, como consequência disso o restante da turma demonstrou problemas para compreender o que foi dito. Devido a esquecimentos da sequência da narrativa por parte das crianças, a professora manifestou-se de forma a retirar a autonomia delas, intervindo e modificando a vivência autônoma da ação trabalhada.

A segunda atividade observada é baseada em um exercício contido no livro didático adotado pela escola, e consiste em tratar de corporeidade, mais especificamente sobre como os sentimentos podem ser demonstrados através de expressões faciais e como identificá-los no outro. Em roda de conversa, a professora iniciou explicando que iriam utilizar um espelho para que cada um fizesse uma careta frente a ele. O objeto foi passado de mão em mão ao som de risadas e nesse momento foi possível perceber que muitos ficaram curiosos ao ver seu reflexo no espelho, da mesma forma em que trouxe diversão com a expressão do outro. Posteriormente, passou-se para o exercício do livro que direcionou a feitura de um desenho representando caretas. Em seguida, buscaram em revistas e jornais imagens com o rosto de pessoas que expressassem algum sentimento.

De acordo com o que é determinado no campo de experiências “O eu, o outro e o nós” (BRASIL, 2015, p. 40) escola aproxima a criança de experiências sociais favorecendo a construção da percepção sobre si e sobre os outros, apresentando as diversas identidades que encontramos no contexto social. Relacionando esse campo de experiências com aquilo que foi trabalhado em sala, nota-se que a professora buscou melhorar a convivência do grupo ao inserir a representação e compreensão de sentimentos, da mesma forma que os oportuniza exprimir emoções que, por vezes, não lhes são permitidas ocasionando na desvalorização dos sentimentos do outro e, conseqüentemente, na ausência de empatia em suas relações sociais. Ao trabalhar com expressões faciais identifica-se o uso do campo “Corpo, gestos e movimentos” (BRASIL, 2015, p. 40) onde, a partir dos sentidos, gestos, movimentos corporais, a criança faz reflexões e produz conhecimento sobre si e sobre o outro, construindo sua noção de corporeidade. Tais ponderações são feitas ao passo que ela entra em contato com novas linguagens corporais, discernindo sobre suas sensações e funcionalidade do corpo que fica ao centro das práticas pedagógicas na EI. Desta forma, é clara a intenção da professora em favorecer a exploração de um outro modo de expressão, necessário para formação de caráter e compreensão de relacionamentos Já o campo de experiências “Traços, sons, cores e formas” (BRASIL, 2015, p. 41) foi identificado porventura do uso de uma forma de expressão artística,

o desenho, e da busca em meios visuais, estimulando o sentido de investigação e a captação de informações para além do texto escrito.

Acerca dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento elegidos pela professora para alcançar o que se descreve nos campos de experiências citados, a atividade foi instruída a: “demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive” (BRASIL, 2015, p. 45); “criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música” (BRASIL, 2015, p. 47); “expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais” (BRASIL, 2015, p. 48). Ao final da observação, concluímos que a atividade contemplou aquilo que está determinado nos objetivos de aprendizagem da BNCC, fazendo consonância com o documento, tendo em vista todas as aprendizagens essenciais nele estabelecidas. Entretanto, verificaram-se alguns contratempos no decorrer da atividade. Durante a roda de conversa, como as crianças ainda estão formando a sua noção de espaço e convivência, apresentaram dificuldade em organizar-se, rompendo, então, a sequência da atividade, havendo interrupções da docente com o intuito de contê-los. A não proximidade com esse tipo de exercício de conhecimento do próprio corpo obstaculiza que a desenvoltura da criança seja a florada e que a mesma se permita participar de atividades que a faça sair de sua zona de conforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que as atividades foram benéficas para o aprendizado e estruturação do saber das crianças. Os pontos sobre Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, os Campos de Experiências e os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento da BNCC foram contemplados adequadamente pela professora de acordo com as possibilidades, adaptando sua forma de trabalhar com a realidade da escola. Com base nisso, concluímos que é desafiador construir uma prática pedagógica plena ao considerar as dificuldades socioeconômicas, a escassez de recursos e materiais didáticos e, principalmente, respeitar a heterogeneidade da turma.

Para melhor eficácia no desenvolvimento da criança propomos que profissionais da educação tenham acesso a mais recursos para que possam atuar de forma íntegra. Além disso, reforçamos a importância em valorizar a etapa da Educação Infantil por parte da comunidade escolar e órgãos competentes ao prover meios essenciais para cumprir o que determinam as normas previstas pela BNCC. Esperamos também que mais estudos sejam feitos nesse quesito para que haja um melhor desenvolver da criança durante sua escolarização, refletindo, assim, em sua formação como ser político, social e crítico.

Palavras-chave: PIBID, BNCC, Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e escrever na Educação Infantil:** discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- KRAMER, Sonia. **Com a Pré-escola nas mãos.** 14. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LIBÂNEO, J. C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, S. V. (Org.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança:** diferentes olhares para a didática. Goiânia: CEPED/Editora PUC Goiás, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em:
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social de mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Traduzido por José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.